

O prenome e a identidade social: do projeto social e familiar ao projeto parental*

Jean-Gabriel Offroy – École de Psychologues Praticiens/Paris et Lyon
Revisão Técnica de Norma Missae Takeuti** – PPGCS/UFRN

RESUMO

Tentamos compreender a influência do prenome de um indivíduo sobre seus mecanismos de identificação e especialmente sobre suas escolhas sociais, profissionais, ideológicas. O prenome indica um projeto social e familiar para a criança, que visa à reprodução de uma ordem, mas que experimenta também processos de historicidade. A evolução sócio-histórica dá cada vez mais espaço ao projeto parental, que descrevemos como o resultado de uma negociação no seio do casal parental e como a mediação final de todas as contradições com as quais confrontam-se os pais, entre projeção e injunção, fantasia e realidade, desejo inconsciente e socialização.

Palavras-chave: Prenome. Projeto familiar. Projeto parental. Herança. Identificação.

RÉSUMÉ

Nous essayons de comprendre l'influence du prénom d'un individu sur ses mécanismes d'identification et notamment sur ses choix sociaux, professionnels, idéologiques. Le prénom indique un projet social et familial sur l'enfant, qui vise la reproduction d'un ordre mais qui témoigne aussi des processus d'historicité. L'évolution socio-histo-

rique donne de plus en plus de place au projet parental, que nous décrivons comme le résultat d'une négociation au sein du couple parental et comme la médiation finale de toutes les contradictions auxquelles sont confrontés les parents, entre projection et injonction, entre fantasme et réalité, entre désir inconscient et socialisation.

Mots-clés: Prénom. Projet familial. Projet parental. Héritage. Identification.

ABSTRACT

We try to understand the influence of a person's first name on the process of their identification, particularly in their social, vocational and ideological choices. First name indicates social and family projects for the child, reproducing social order but also indicating the social change. Historical evolution gives more and more place to the parental project, condensed in the first name of the child, which is described as a result of the parental negotiation and as the final mediation of all the contradictions encountered by the parents, between their desire and the social reality.

Key words: First name. Family project. Parental project. Magical thought. Heritage. Identification.

* Este artigo foi publicado na revista *Spirale*, n. 19, 2001, Erès, França, sob um formato ligeiramente condensado. Enviado pelo autor para tradução e publicação neste dossiê da Cronos.

** Colaboração de Lore Fortes – PPGCS/UFRN

Nos anos 1970, o Movimento de Liberação das Mulheres (M. L. F.)¹ era dirigido por advogadas famosas, sendo que uma delas tem o mesmo prenome que o meu.

Ela se chama Giselle. É advogada há dez anos. A forte personalidade de Giselle Halimi² marcou sua adolescência e foi determinante para sua orientação profissional e ideológica. Vê-se claramente nisso o processo de identificação que reflete no prenome e que já foi, tantas vezes, por mim mencionado em textos anteriores. Abraham (1965) o evocou já em 1912:

Observa-se freqüentemente que um menino que tem o mesmo prenome de um homem famoso esforça-se por imitá-lo ou manifesta por ele um interesse particular. Aqueles que são portadores do prenome Alexandre, por exemplo, sentem-se incentivados a dedicar um interesse especial por Alexandre o Grande, a identificar-se com ele na imaginação. O historiador Ottoka Lorenz é um belo exemplo disso: redigiu a história do rei Ottokar da Boêmia.

Podemos citar vários outros exemplos. Georges Lubin, nascido a 20 quilômetros de Nohant, dedicou 40 anos de sua vida à edição dos 24 volumes da correspondência de George Sand. Ele ficou fascinado, aos quatro anos de idade, pelo “S” que não figurava no prenome da “gentil senhora de Nohant”.

O prenome, componente essencial de nossa identidade, é como se estivesse colado à nossa pele. Ele age sobre nós como um ímã que atrai as identificações. Como explicar essa identificação do indivíduo com seu prenome, essa colagem entre o prenome e a personalidade, a profissão e o destino?

PROCESSO CIENTIFICO E PENSAMENTO MÁGICO

Para o pensamento popular, os nomes têm um poder mágico. Eles influem sobre o nosso destino. Esse pensamento mágico, partilhado por numerosos escritores, repousa na confusão entre o ser e o nome,

1 N.do T.: M.L.F. – Mouvement de Libération des Femmes.

2 Giselle Halimi é uma advogada francesa que ganhou reputação nos anos 1970 e 1980 pela sua militância em favor dos direitos das minorias. Militou também na causa feminista.

entre a essência das coisas e o modo de nomeá-las ou de representá-las, entre o mapa e o território, entre a realidade e seu símbolo. O prenome que portamos torna-se assim uma das forças misteriosas que nos habitam. Ele contém nosso destino, como as linhas de nossa mão.

Essa superstição aflora particularmente na situação de fragilização que constitui a espera de uma criança, com todos os medos arcaicos que isso vem suscitar. A abundância de obras que exploram essas crenças e a importância de suas tiragens são uma manifestação notável desse fenômeno. À maneira das “receitas da vovó”, ou no modelo da chave dos sonhos, trata-se de revelar, aos profanos que o perderam, o sentido secreto contido no prenome e suas virtudes mágicas. Os autores que às vezes se identificam a si próprios como magos, fazem referência à astrologia, à numerologia... Que futuros pais não recorreram a esses manuais? Alguns com total ingenuidade, outros com ceticismo, diversão ou má consciência.

Ante tais crenças, a atitude positivista consistiu, por muitos anos, em suprema ignorância e soberano desprezo. A antroponímia nascente quis agir de modo diametralmente contrário a essas superstições, através de um estudo “objetivo” dos nomes considerados como um fenômeno lingüístico, desembaraçando-se do sentido e de toda implicação subjetiva que isso acarrete. No pensamento “cientista”, o nome e o prenome são um identificador, um classificador, com igual valor ao de um número de seguridade social.

Mas, pode-se considerar esse pensamento mágico como a metáfora de uma certa realidade, uma percepção ingênua da causalidade. O que as crenças populares exprimem espontaneamente, sob a noção de predeterminação através da influência dos astros, dos números ou dos nomes, é uma observação pré-científica do determinismo. Não se trata então de ignorar soberbamente essa percepção ingênua, mas de aprofundá-la de maneira mais científica, isto é, com objetividade e senso crítico. É o procedimento que Freud adota para o sonho, ou Lévi-Strauss

(1962) para o pensamento selvagem. “Fui levado a constatar que se tratava, mais uma vez, de um desses casos, bastante freqüentes, nos quais a antiga e tenaz crença popular estaria mais próxima da verdade do que nossas doutrinas atuais” (FREUD, 1976, p. 93).

É esse tipo de abordagem que tentei aplicar à escolha do prenome. Como o sonho, é uma produção psíquica e simbólica. Como o sonho, exprime um desejo. Mas contrariamente ao sonho, esbarra também com uma realidade exterior. Não se esgota na fantasia. Refere-se a uma pessoa real. Aplica-se a um indivíduo que é também sujeito de desejo, que resiste e que pode forjar sua identidade a partir e contra o prenome que a quer definir.

Contrariamente ao sonho, ele não é uma produção puramente individual. É também a produção de um grupo. O prenome vai inscrever o indivíduo no Livro de sua comunidade e na sua história, vai inseri-lo na cadeia das gerações. O prenome que nos é atribuído quando nascemos vai exprimir a posição que deveremos ocupar, o lugar que nos é fixado pelo grupo social e familiar, o destino que é sonhado para nós pelo desejo parental.

Aquilo que o pensamento mágico exprime ingenuamente é o conjunto desses determinismos que pesam sobre o ser humano, de ordem social e psíquica, consciente e inconsciente. Esse pensamento, que remonta a eras longínquas, é também o pensamento do inconsciente de cada um de nós. É por isso que vamos começar explorando algumas dessas manifestações, a partir de observações de etnólogos, de sociólogos e de historiadores.

O PROJETO FAMILIAR E SOCIAL

O Prenome Sagrado

No pensamento mágico, a identidade do nome implica identidade de essência. Nosso nome contém nosso destino, como o exprime o velho adágio romano “*Nomen Omen*”.

Entre os *Inuits*, recebe-se sempre um prenome portado por um membro do grupo que nos precedeu.

Herdam-se assim suas qualidades. Na metafísica *inuit*, a **alma-nome** é uma das quatro componentes da personalidade, um princípio vital que se transmite através das gerações. Tornar a dar um nome³ é reatualizar as potencialidades acumuladas. É o único meio para um grupo finito renovar-se sem cessar, sem modificar em nada a estrutura essencial. Trata-se de conservar todas as almas, isto é, o potencial produtivo do grupo.

Os laços de homonímia fazem reviver cada morto através de seu nome reencarnado. O novo portador do nome encontra-se religado não somente a seu epônimo, mas a todos aqueles que portaram o nome igual ao seu. Ele atualiza, desta forma, sobre a terra, a soma das capacidades produtivas acumuladas por sua linhagem homonímica (D'ANGLURE, 1978, p. 116).

Esse costume de tornar a dar o nome de uma pessoa morta ou viva do grupo e de associar todas as personalidades que portaram o referido nome encontra-se em muitas culturas bastante diferentes, dos *Inuit* do Ártico aos *Wolof* da África. Ele marcou profundamente toda a nossa tradição ocidental, do Mediterrâneo ao norte da Europa. Poder tornar a dar seu nome, “ter um osso”, segundo a expressão *Inuit*, é sempre considerado como uma grande honra. Na Grécia, é ainda hoje um dever sagrado “fazer *anastassi*”, isto é, fazer reviver a alma dos ancestrais no corpo do recém-nascido. “Dizia-se que a alma do ancestral passava para o corpo daquele que portava seu nome” (VERNIER, 1980, p. 70).

A *anastassi*, a reencarnação do ancestral através de seu prenome, que, ademais, como ocorre entre os *Inuit*, pode acontecer antes da morte, é a expressão simbólica, a transposição religiosa dessa crença na perenidade da linhagem. É um modo de garantir a permanência do grupo, de lutar contra a morte e as adversidades do tempo para conservar uma espécie de eternidade.

3 Trata-se do nome pessoa, escolhido para um indivíduo particular, e que corresponde a nosso prenome.

O Prenome e a Herança

A transmissão da alma supõe também uma transmissão econômica e social. Ela está ligada à herança. Os sociólogos, que desmontam os mecanismos sociais buscando suas justificativas ideológicas, esclarecem os jogos de poder e as estratégias de linhagens que se desenrolam sob o manto do sagrado. Assim Vernier (1980) demonstrou claramente como esse dever sagrado de fazer anastassi recobria interesses econômicos e sociais. Em seu estudo sobre a ilha de Cárpatos, ele coloca essa regra da prenominação em relação com outras estratégias familiares, o que permite interpretar e decodificar seus riscos. Como entre os *Inuit*, o “capital cultural” detido pelos anciãos é vital. “Numa sociedade orientada para sua mera reprodução”, as técnicas de produção são “um legado do passado”. Em compensação, a estrutura do capital econômico é fundamentalmente diferente. Os *Inuit* não podem transmitir mais do que um “capital cultural”. Entre eles, é o javali que é sagrado; em Cárpatos, é a terra. A sobrevivência econômica das linhagens repousa na salvaguarda da integridade do patrimônio. Isto implica num tipo de herança desigual e na concentração de capitais nas mãos dos primogênitos. Mas cada linhagem permanece proprietária de seus bens. O casamento é considerado como um fenômeno de aliança provisória entre as linhagens que estão em competição. A primogênita herda os bens da mãe, o primogênito os bens de seu pai.

Observemos em paralelo as regras da prenominação. Cada criança é inserida na rede familiar segundo um princípio de alternância em função do sexo e da ordem de nascimento. O primogênito dos meninos recebe o prenome de seu avô paterno. O segundo o do seu avô materno, o terceiro, um prenome proveniente da família de seu pai, o quarto, um prenome retirado da família de sua mãe, e assim sucessivamente. Da mesma forma, a primogênita das meninas vai receber o prenome de sua avó materna, a segunda o de sua avó paterna, a terceira, um prenome retirado da família de sua mãe, a quarta,

um prenome retirado da família de seu pai, e assim sucessivamente.

O paralelismo das regras de prenominação e de transmissão da herança ilustra bem o **papel econômico desempenhado pela atribuição dos prenomes**. Mais do que a ordem real de nascimento, é a atribuição do prenome do avô, referente ao ancestral fundador, que investe simbolicamente a criança como primogênito, isto é, como herdeiro, futuro representante de sua linhagem.

“A ordem de nascimento importava menos que a posse do prenome que materializava a continuidade da linhagem. A herdeira devia portar o nome de sua avó materna, o herdeiro o nome de seu avô paterno” (VERNIER, 1980, p. 71).

As regras de prenominação permitem neutralizar as diferentes ameaças que pesam sobre a reprodução física das linhagens. Se o primogênito morre antes do nascimento de um segundo filho do mesmo sexo, o filho seguinte pode retomar seu nome com a herança. Se ele morre após o nascimento de outros irmãos é o terceiro que o substitui, porque porta um prenome da linhagem paterna. O segundo, que pertence à linhagem materna, não pode herdar do lado paterno. Toda irregularidade de uma geração, devida ao acaso demográfico, é apagada na geração seguinte. Assim, o filho único recebe as duas partes da herança. Mas ele é apenas o depositário provisório dela. Uma filha única vai então transmitir normalmente sua herança feminina à sua filha mais velha. Mas ela deve então transmitir sua parte de herança masculina “a um dos seus filhos mais novos (em princípio, o segundo nascido dos meninos) o qual recebe o prenome e os bens do avô paterno de sua mãe” (VERNIER, 1980, p. 71). Se um casal tem somente filhos homens, o mais novo, que porta um prenome da linhagem materna, é designado para herdar a fortuna de sua avó materna. Ele não poderá transmitir essa herança nem a seu primogênito nem à sua filha primogênita, que porta o prenome de sua avó materna. É a filha mais nova quem receberá o prenome da sua avó paterna, com a herança que lhe

corresponde. O filho mais novo terá servido de relé (*relais*) da linhagem feminina.

Do mesmo modo, um filho mais novo pode ser investido do papel de filho mais velho. O que importa são, primeiramente, os interesses da linhagem. É preciso que o herdeiro esteja em condição de garantir sua função social. É aí que o princípio de alternância intervém. Se o filho ou a filha mais velha morre, emigra ou enlouquece, sofre um acidente, sofre de alguma enfermidade ou mesmo de feiúra (no caso da filha), ele (ou ela) pode ser deserdado(a) porque suas chances de um casamento vantajoso estão comprometidas. Há sempre por trás dele (ou dela), um filho ou filha que porta o prenome da linhagem pronto(a) para ir para a linha de frente.

Assim, o prenome vai sinalizar o destino social. Ele designa o herdeiro que vai receber as terras e o rebanho, que defenderá o prestígio da linhagem. Ele designa a herdeira que poderá casar-se e os filhos mais novos que permanecerão celibatários. Esses últimos escolherão muitas vezes o exílio, os homens principalmente. As mulheres não terão outra escolha senão servir de criadas a sua irmã mais velha.

Prenome e Projeto Familiar

Se esse costume grego está particularmente estruturado, encontramos-lo, sob uma forma atenuada, na história de toda a civilização ocidental, particularmente no meio rural. O prenome indica a parte de herança atribuída à criança, em particular ao filho primogênito, geralmente destinado a herdar o patrimônio, o ofício e o status paterno. Os historiadores qualificam essa prática de “prenome emblemático”. É um prenome reservado a uma linhagem, que se transmite de geração a geração. Michelet (1979, p. 25), que celebrou a civilização rural, descreve bem esse costume na Corrèze⁴ do século XX: “Filho único de Mathieu-Edouard e Noémie Vialhe, ele havia herdado deles as bases da propriedade atual: oito hectares acumulados pacientemente por toda uma linhagem de Vialhe que, de geração a geração,

transmitia as terras, o saber e o prenome Edouard, apanágio dos primogênitos”.

Essa transmissão do prenome emblemático é geralmente codificada, determinada pelo sexo e pela ordem de nascimento. É o direito da primogenitura. Mas as condições variam de uma região a outra. Em certos casos, é o próprio ancestral que designa seu herdeiro transmitindo-lhe seu próprio prenome. Em Pays-de-Sault⁵, o “*cap d’ostal*”, isto é, o chefe de família, designava seu sucessor transmitindo seu prenome ao neto de sua preferência. Este não é necessariamente o primogênito de seus netos. É geralmente aquele com quem ele vai co-habitar na casa familiar (FINE, 1984).

Essa designação do herdeiro pela transmissão do prenome não implica somente uma herança econômica. Mesmo os meeiros utilizam esse costume. “Entre os Vidal ou os Cavagné, os primogênitos portam sempre o mesmo prenome. Pierre para os primeiros, Sylvestre para os segundos. O costume está tão bem enraizado que um ramo dos mais jovens entre os Vidal chama seus primogênitos de Pierre”. (SANGOI, 1985, p. 75). Eles não têm terras nem rebanhos mas têm outros capitais para transmitir. “Sucessão na função de autoridade no interior da casa, mas também na comunidade aldeã, os Calvet sucedem-se de avô a neto à frente da comuna de Labarthe do fim da monarquia de julho aos nossos dias” (SANGOI, 1985, p. 75).

O prenome tem ainda a função de revelador do projeto familiar. O prenome emblemático, nome do ancestral e símbolo da perpetuação da linhagem, coloca aquele que o recebe em herança como depositário desse projeto familiar. Ele vai exprimir a concentração de todos os capitais disponíveis de uma linhagem sobre um só indivíduo. O prenome dos próximos filhos vai em seguida atribuir a cada um o capital dominante que lhe cabe.

Essa autoridade do projeto familiar é particularmente evidente na nobreza e na realeza. O pre-

4 Um estado da região central da França.

5 N.do T.: Pays-de-Sault é uma pequena região nos Pirineus franceses.

nome recebido pelo delfim contém já o ofício de rei que ele deverá exercer. Ele desempenha um papel de impregnação inconsciente, mas serve também para legitimar aos olhos dos outros o depositário do projeto. Encontram-se essas funções nas grandes dinastias industriais. Ferdinand Porsche, engenheiro que criou a famosa “baratinha” da Volkswagen, depois o “coleóptero” da *Porsche*, deixou seu prenome a um filho e a dois netos. Um é desenhista. Ferdinand Alexander Porsche criou a Porsche 911, antes de lançar “*Porsche design*”. O outro, Ferdinand Piech, é um destemido administrador, Presidente Geral da Volkswagen desde 1993.

A utilização do prenome para articular um projeto familiar é comum nos Estados Unidos. Pode-se pensar em John Kennedy Junior ou em Ross Perrot Júnior, o filho do bilionário americano que disputou as eleições presidenciais em 1992. Fala-se que ele herdou de seu pai o prenome e o sentido para os negócios. E é ainda um herdeiro, eleito para a presidência dos Estados Unidos, George W. Bush Junior, filho do ex-presidente do mesmo nome. Psiquiatras americanos já estudaram, de resto, os efeitos perniciosos do “Júnior” sobre a identidade da criança que o porta (PLANK, 1971).

Nasci no dia 26 de maio de 1926 em Alton, Illinois, pequena cidade fluvial sobre o Mississipi. Deram-me o prenome de meu pai o qual, ele próprio, o recebeu do seu. Tornei-me assim Miles Dewey Davis, terceiro do nome, mas toda a família me chamava Junior. Sempre detestei esse cognome (MILES; TROUPE, 1989, p. 8).

O projeto familiar é um suporte de identificação de uma linhagem e de seus ancestrais. Pode ser vivido por seu depositário como um húmus que vai nutri-lo ou como um mau cavalo, um fardo pesado demais para ser carregado. Iremos nos alongar mais adiante sobre as implicações psicológicas disso. Porém vemos que esse projeto familiar perpetua a reprodução de uma ordem numa sociedade imóvel.

O Prenome Situa numa Ordem Social

Nas sociedades tradicionais, o prenome situa-se no interior da família, mas também da sociedade global. Ele fixa o destino, o status, a “condição”, como se dizia antigamente.”A ordem de nascimentos, a posição e o jogo entre as classes sociais fixam os nomes, a forma de vida do indivíduo, sua face, diz-se ainda” (MAUSS, 1960, p. 349).

Na tradição chinesa, o nome que o indivíduo porta fixa-o numa ordem social.

Há então uma política dos nomes (ming) que os utiliza a título de recompensas ou de castigos com o fim de fixar as condições (fen), a fim de que o comerciante, o artesão, o trabalhador, o nobre não possam abandonar seu status, limitados pelo nome, e que os inferiores não possam exercer sua ambição, cada qual contentando-se com seu lugar, bom ou mau (GRANET, 1934, p. 455).

O nome dá um status, situa numa hierarquia. O nome “distingue”. Cada grupo social geralmente possui um lote de nomes que lhe são mais ou menos reservados. Entre os Wolof, o retorno periódico dos mesmos nomes é uma característica das famílias nobres (RABAIN, 1979). Numa sociedade de castas, como os Mbaya da Amazônia, os melhores guerreiros podiam ser “admitidos, após iniciação, numa confraria que dava direito ao porte de nomes especiais” (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 185). “Entre os Bororós também, os nomes próprios parecem ser propriedade de certos clãs, ou mesmo de linhagens poderosas. São considerados pobres aqueles que, por terem um nome, dependem da boa-vontade de outros clãs” (LEVI-STRAUSS, 1962, p. 229).

Os lugares são fixados por ocasião do nascimento e o prenome que nos é atribuído nos indica o lugar que deveremos ocupar. É uma espécie de programa. Os prenomes vêm indicando há muito tempo o status social. Mirbeau, no *Le Journal d'une femme de chambre*, exprime claramente o poder que o amo tem de nomear, o qual reduz assim o indivíduo a seu papel social: “Célestine é um nome muito bonito, mas um pouco comprido. Prefiro chamar-te Maria. Além do mais, chamo todas as minhas cria-

das de Maria”. Não basta ter “a cara do emprego”. É preciso disso ter também o prenome.

Essa fixação da identidade social pelo prenome que nos é atribuída é particularmente visível nas sociedades tradicionais, governadas pelo mito. Essas sociedades se pretendem fora da história, num presente atemporal. “O filho não deve aspirar ser melhor que seu pai”, diz um provérbio banto. “Tal pai, tal filho”, responde em eco um ditado bem nosso. A revolução industrial, as migrações, a urbanização e a generalização do trabalho assalariado são responsáveis por esse tipo de transmissão, o que ocorre simultaneamente com o desenvolvimento do individualismo. As sociedades contemporâneas estão mergulhadas num movimento de historicidade. A influência do prenome vai então tornar-se muito mais sutil. Mas não será menos atuante. O prenome vai aparecer como um revelador do grau de historicidade, um indicador da rapidez da mudança social, e ao mesmo tempo como um instrumento da estratégia dos diferentes grupos sociais para se posicionarem e se adaptarem a essas transformações.

O Prenome Entre Inserção e Distinção

Bahloul (1985) forneceu-nos um exemplo particularmente notável disso, em seu artigo sobre os *Nomes e prenomes judaicos norte-africanos*. Ela descreve o prenome como uma das “estratégias familiares que esse meio judaico elaborou a fim de assegurar sua inserção e sua reprodução sociais na sociedade francesa” (p. 62).

A partir de um estudo histórico de práticas rituais de prenominação na sociedade judaica norte-africana, ela mostra a alternância entre dois desejos dominantes: ora integração na sociedade majoritária, ora volta aos valores identitários da comunidade. Ela coloca assim em evidência “o papel que desempenham a família e as relações de parentesco na transformação do sistema de nominação, do qual são os únicos gerentes, em operação de distinção social” (BAHLOUL, 1985, p. 62). Conforme as épocas, a estratégia vai ser voltada **ora para a inserção, ora para a distinção**. Mas em todos os casos, há

ambivalência e o prenome escolhido vai servir de prova para um **ensaio de mediação** da contradição entre os dois pólos.

Até o fim dos anos 1930, os judeus do Magrebe eram dotados de um único prenome, tirado fosse da língua sagrada, o hebraico, fosse da língua de uso, o judeo-árabe, hispanófono ou italo-fono, conforme o contexto dominante. Pela escolha do prenome hebraico, privilegia-se a volta à comunidade. No outro caso, “o prenome traduz a vontade dos judeus de se inscreverem em seu contexto social local, e nas formas de comunicação específica do meio ambiente. Ele serve para designar pessoas na língua majoritariamente praticada, nas trocas com os vizinhos não-judeus especialmente” (BAHLOUL, 1985, p. 64).

Essa mediação entre a inserção e a distinção é também uma mediação entre o sagrado e o social. Os prenomes em língua usual são mais reservados às mulheres, enquanto que a língua sagrada, o hebraico, fornece essencialmente os prenomes masculinos. De acordo com Bahloul (1985, p. 65), o nascimento de meninas é muito pouco ritualizado, ao contrário do de meninos. O prenome é dado no curso da circuncisão, que consagra “a entrada na ordem masculina e sagrada, a aliança com o deus dos pais: a nominação sacralizada e ritualizada dos meninos não pode assim dar-se senão na língua sagrada, o hebreu. É o hebreu que consagra igualmente a transmissão patrilinear do nome, do prenome e da autoridade familiar”.

A mediação entre as duas estratégias contraditórias de distinção ou de inserção na sociedade majoritária passa então por uma separação entre os sexos: **de um lado, o sagrado, a distinção e o masculino; de outro, o profano, a inserção e o feminino**.

Essa separação vai desaparecendo “progressivamente ao longo do século XX” com o aparecimento dos prenomes franceses, índice de uma vontade de emancipação pelo afrancesamento e pela instrução. Esse movimento não foi uniforme em toda a comunidade judaica. “Os prenomes franceses expandem-se inicialmente a partir do início do século, nas famílias emancipadas que mandavam seus filhos à escola

francesa e que projetavam a ascensão e a mobilidade socioprofissional de sua progenitura” (BAHLOUL, 1985, p. 65).

Progressivamente, o desejo de integração na cultura francesa atinge todas as camadas da comunidade. A mediação entre a inserção e a conservação das tradições vai expressar-se pelo uso de dois prenomes que começa a se generalizar por volta do fim da década de 1930. “A partir dessa época, os prenomes hebraicos e judeo-árabes da grande maioria dos novos judeus norte-africanos recuam para segundo plano” (BAHLOUL, 1985, p. 66). Pode-se assim buscar a inserção na sociedade majoritária com o primeiro prenome, francófono, apenas mantendo um elo com a memória genealógica com o segundo prenome. Esse costume era bastante difundido na França e na Europa Central, como demonstram os prenomes de Sigmund Schlomo Freud.

No fim da Segunda Guerra Mundial, apareceram as Marie-France e as Françoise, as Jeanne, as Marie, as Mireille, num movimento de identificação com a cultura francesa. Nota-se, também, o aparecimento de prenomes anglófonos, homenagem aos libertadores, e talvez desejo de integrar-se a uma sociedade mais internacional.

Vê-se igualmente aparecer a panóplia clássica de astros do cinema contemporâneo: é uma geração de Martine, de Marilyn e de Michele que se identifica assim aos artistas. Isto mostra o quanto são grandes as esperanças para os filhos dos pequenos funcionários, artesãos e pequenos comerciantes judeus dessas regiões (BAHLOUL, 1985, p. 66).

A preocupação com a integração parecia, então, dominante. É, pelo contrário, a diferenciação que parece dominar hoje. Para a geração dos filhos nascidos na França, nota-se um retorno à hebraização. “Vê-se progressivamente multiplicarem-se os Michaël, Jonathan, Nathaniel, Jérémie, Déborah. Ou então são os prenomes em uso hoje em Israel: os Dan, Yäel, Dov manifestam apego e identificação com esse estado. A inscrição na sociedade francesa faz-se acompanhar do desejo de sublinhar as ori-

gens bíblicas e a permanência da tradição hebraica” (BAHLOUL, 1985, p. 66-67).

Essa volta à hebraização é particularmente visível no movimento *loubavitch*, que prega um retorno aos valores fundamentais da religião, num movimento de fechamento (escolas privadas, recusa à inserção na sociedade global, rejeição de certas profissões e da promoção social...). Elas se chamam Jacqueline... Seus filhos portam os prenomes hebraicos dos rabinos do movimento e freqüentemente, em posição secundária, o prenome judeo-árabe da avó.

Prenome e Promoção Social

O prenome aparece assim como um índice da vontade de integração de um grupo minoritário, mas também como um instrumento de gestão da ascensão social. Quando o prenome indica um projeto de promoção social, é difícil de saber em que medida os pais retomam por sua própria conta um projeto familiar ou simplesmente a ideologia liberal de sua classe social. A compulsão de sucesso social, que se encontra hoje entre numerosos pais, não passa somente pelos cursos pré-escolares e pela prática excessiva de atividades culturais. Manifesta-se também na escolha do prenome. Numa enquete realizada em Montreal em 1985, percebeu-se um forte retorno aos prenomes clássicos: “Daniel, Elisabeth, Christophe, Nicholas, Alexandre, Marie, muitos Jean-Pierre” e o abandono dos diminutivos. Os autores da enquete interpretaram essa tendência como um retorno a valores mais conservadores e a um desejo dos pais de criar adultos em miniatura. “O filho de David Bowie, agora com 14 anos, chama-se Joey, enquanto que seu nome de batismo era Zowie” (LAVIER, 1985, p. 76).

É com essa fantasia que Philippe Besnard e Guy Desplanques jogam. Ao perscrutar “prenomes da moda”, os pais podem tomar conhecimento do código que lhes permitem situar seu filho na classe que aspiram para ele. Um tal manual permite adquirir o que normalmente está contido nos *habitus* de classe. Não se trata mais apenas de um projeto familiar que atravessa as gerações. É também um

projeto parental que integra a história pessoal de cada pai, seus desejos e suas fantasias, conscientes e inconscientes. Mesmo que se possam notar persistências duráveis nos comportamentos familiares, o projeto familiar tende a se retrair em benefício do projeto parental.

O PROJETO PARENTAL

No plano coletivo, a repetição de prenomes simboliza a vontade do grupo de se perpetuar. No plano individual, ela exprime o desejo parental de perpetuar-se no filho, de realizar-se por procuração. O filho é inicialmente uma fantasia, um rebento dos pais. Seu prenome vai condensar e projetar os sonhos de desejo que eles fazem por meio dele.

Podem-se notar várias fases nessa elaboração do desejo e sua socialização progressiva, as quais permitirão que se passe do “enfantisme”⁶ (filho fantasia) ao filho real. É ao confrontar-se com a realidade que o desejo inconsciente vai tornar-se um projeto parental. Essa evolução será facilitada pela verbalização em torno do prenome e a negociação no seio do casal parental.

1ª fase: O prenome narcísico

O narcisismo parental pode exprimir-se pela repetição pura e simples de seu próprio nome, manifestando assim seu desejo cruamente, sem qualquer possibilidade de se voltar atrás. Encontra-se o fenômeno do “júnior”, do qual falamos na cultura americana. A criança deve identificar-se com as projeções do pai que o nomeou, daí sua dificuldade para forjar sua própria identidade, para desgrudar-se do pai colado nele. A atriz Philippine Leroy-Beaulieu é a filha do ator Philippe Leroy-Beaulieu. Ela herdou de seu pai o gosto pela viagem e pela aventura, além do seu prenome e de sua profissão.

Lemmy Constantine é o filho de Eddy ou de seu personagem Lemmy Caution? Que distância Eddy Constantine estabeleceu entre ele e seu papel,

entre ele e seu filho? Tem-se às vezes a impressão de uma confusão entre o pai e sua profissão, suas paixões e suas projeções sobre seu filho.

Dante Gabriel Rosseti é um pintor e poeta inglês do século XIX. Seu pai, erudito italiano a serviço dos Bourbons, nos fins do século XVIII, era um especialista em Dante. Ele transmitiu essa paixão a seu filho através de seus dois prenomes, que sintetizam a Divina Comédia. O filho deixará a Itália devido a suas atividades políticas e tornar-se-á o líder do movimento pré-rafaelita. Pode-se admirar uma de suas telas na Tate Gallery, Beata Gabrielle. Ele retrata a si próprio sob os traços de Dante, e sua mulher agonizante representa Gabrielle. Ele tomou assim para si a identificação de seu pai com seu ídolo literário.

A confusão, às vezes, ganha outro sentido. Por exemplo, aquele judeu sefardita que foi obrigado a deixar o império otomano no começo do século para vir instalar-se em Paris. Ele abre uma loja de produtos elétricos no Boulevard Ménilmontant com o nome de “Dona”. Ele escolherá o mesmo prenome para sua filha, que nascerá alguns anos mais tarde em Ménilmontant.

O idealizador do foguete europeu Ariane escolheu, ele próprio, o nome do foguete. Ele explicou sua insistência pela paixão que nutria pela história e pela mitologia gregas. Sempre sonhou em dar o nome de Ariane a uma filha. Infelizmente, teve somente dois meninos. Diante dessa questão que lhe era tão vital, o diretor da Agência Espacial conseguiu convencer seus parceiros europeus, reticentes inicialmente ante um nome que lembrava muito de perto o de Marianne⁷ que enfatizava (na invenção) a marca *galo gaulês*⁸.

Pablo Picasso abre um novo “período” a cada filho seu que nasce. Aos 68 anos, torna-se pai de uma menina que vai chamar-se Paloma (Pomba em

6 N.do T.: Neologismo criado pelo autor para se referir ao “enfant” (filho ou rebento) e a “fantasme” (fantasai).

7 N.do T.: Marianne é o nome da República Francesa, representada por uma mulher que ostenta um barrete frígio. O *galo gaulês* é um dos emblemas da França.

8 N.do T.: Ora, a invenção não era só dos franceses, mas sim de um conjunto de países europeus.

espanhol). Ele acaba de dar à luz sua obra mais famosa, “la colombe” (a pomba) e sua filha nasce na véspera do “Congresso da paz”. Esse exemplo me parece significativo do entrelaçamento das motivações conscientes e das projeções inconscientes que vão achar-se reunidas, condensadas na escolha do prenome. Em todos esses exemplos, sente-se que o prenome remete unicamente ao pai que o escolhe. Há uma espécie de colagem entre o pai, sua profissão e seu filho. Não há qualquer projeto explícito para o filho, simples apêndice do desejo dos pais.

Jean de Florette⁹ fala do passado de cantora de sua mulher: “Seu grande sucesso foi Manon. É por isso que chamamos nossa filha de Manon”. Ele não exprime nenhum desejo de que sua filha seja cantora. O prenome da filha está aí apenas como um lembrete nostálgico de momentos felizes. Está voltado para o passado.

2ª fase: Prenome e eu ideal

Quando o pai chega a superar esse estágio, o desejo vai encarnar num personagem que represente o eu ideal do pai. Não é apenas uma projeção, é uma injunção, voltada para o futuro.

Às vezes, a profissão é claramente ditada através do prenome. Louis Quilico, cognominado “o barítono da voz de ouro” realizou com sucesso uma carreira lírica graças à obstinação de sua mulher, Lina, que ele chama de “minha tigresa”. “Esse amor pelo canto é partilhado por seu filho Gino, um barítono com carreira promissora”. Gino tem um filho de um ano, “batizado de Enrico, como o grande Caruso”. Lina decidiu que seu neto será tenor. “Com um nome como Enrico Quilico, diz ela, há uma profissão claramente revelada”(GILMOUR, 1984). Vê-se bem o projeto firme dessa mulher, que se aplica com obstinação sobre seu marido, seu filho e seu neto. Enrico agiria mal se tentasse opor-se a um projeto que está interiorizado e partilhado por toda a família.

Os sonhos dos pais para seu filho nem sempre são tão precisos. Nem o são menos temerários. Em

duas passagens de *A interpretação dos sonhos*, Freud (1978) fala de como nomeou seus filhos. Ele nomeou todos os seus filhos homenageando personagens históricos ou colegas de trabalho, mestres respeitados e admirados. Quatro anos após sua estada em Paris, e seu estágio na Salpêtrière¹⁰ sob supervisão do professor Jean-Martin Charcot, ele chama seu primeiro filho de Jean-Martin em tributo ao mestre. O segundo foi chamado Oliver, em homenagem a Cromwell. Um outro filho chamar-se-á Ernst, em homenagem a Brücke.

A série, de resto, havia sido inaugurada quando Freud não passava dos dez anos, por esse prenome Alexandre, que ele havia proposto para seu irmão mais novo. Ela prossegue com cada um de seus filhos que foram criados sob o patronato de um homem ou de uma idéia ilustre. Como Freud sob o de Rabbi Schlomo, acrescentaremos de nossa parte (MIJOLLA, 1981, p.136).

É o seu eu ideal que ele projeta sobre seus filhos, através dos personagens que ele reencarna neles. A profissão desse personagem é apenas um elemento entre outros, propostos como suportes de identificação: caráter, ideologia, valores, pertença social...

O pai de Lionel escolheu o prenome de seu filho porque admirava o alpinista Lionel Terray, “conquistador do inútil”. Lionel tornou-se engenheiro em informática e não pratica nem mesmo alpinismo amador. Mas internalizou a mensagem contida em seu prenome e a exigência paterna, o gosto pelo esforço. Lionel Terray permanece seu modelo de referência.

Ouçamos Wiesel (1985, p. 11) falando de seu filho de doze anos:

Shlomo Elisha porta o nome de meu pai. O que eu gostaria de transmitir-lhe? A importância da memória. Espero que seja um bom judeu, que seja humano, que saiba que é fácil deixar o inimigo ganhar: basta nada fazer. Quero que seja fiel a seu povo mas sem jamais excluir os outros: que crie

9 Filme de Claude Berri (1987) baseado no romance *Leau des collines*, de Marcel Pagnol (1963).

10 La Salpêtrière é um famoso hospital de Paris onde Sigmund Freud estagiou sob a supervisão de Charcot (N. do T.).

pontes, nunca muros. E ainda que tenha a paixão do verbo, do conhecimento. Que ele estude sorrindo, como eu o tenho feito.

Portanto, é preciso evitar a busca de explicações fáceis demais às custas do prenome. O prenome é um traço, um sinal que não se deixa decifrar senão depois de um certo esforço. É uma condensação. É a expressão inconsciente do desejo parental.

3ª fase: Prenom e projeto parental

Mas os pais esbarram em contradições que os ultrapassam e que devem integrar à sua realidade. Bettelheim (1971) descreve uma mãe de um gueto negro americano confrontada com uma terrível ambivalência: de um lado, deseja que seus filhos possam escapar à situação intolerável que é a sua. Ela está pronta para fazer de tudo para que eles integrem a pequena-burguesia. Ao mesmo tempo, teme que seus filhos lhe fujam, não a reconhecendo mais, chegando mesmo a desprezá-la. Ela está disposta a fazer qualquer coisa para impedir que eles a abandonem.

Seu projeto materno vai levar em conta suas contradições internas, e vai exprimir a mediação que essa mulher tenta elaborar nesse nó de contradições. Esse projeto materno pode apoiar-se num projeto familiar, o qual foi herdado por ela sobre o projeto coletivo no qual ela imerge ou, ao contrário, parecer como uma traição. Pode haver contradição nele se a mãe sente que os sonhos que ela projeta para seus filhos não se conformam à lei familiar de que ela está impregnada.

O projeto materno precisará achar uma mediação entre seus sonhos e os projetos familiares, entre seus desejos e os projetos coletivos. Gaulejac (1992) analisou muito bem essas contradições e a culpabilidade que elas podem induzir em *La névrose de classe*. Ele evoca também as contradições entre os diferentes componentes da herança. Ele cita o caso do

pai operário que luta para defender os interesses da classe operária, que se esforça para destruir a dominação e os privilégios da burguesia, e que, de um lado, pede a seus filhos para darem pros-

seguimento a esse combate, mas de outro lado, faz tudo para que eles 'ascendam' à burguesia, em particular mediante um sobreinvestimento cultural (GAULEJAC, 1983, p. 149).

O pai não chega a achar uma mediação aos desejos contraditórios que ele forma para seus filhos. Ele não pode elaborar um projeto paterno e não pode transmitir senão a confusão.

Pode igualmente haver aí contradição objetiva se o desejo se choca com suas condições objetivas de realização, se ele é irrealista com relação à realidade econômica e social com a qual o indivíduo é confrontado. Essa mãe do gueto negro de que falamos anteriormente é igualmente confrontada com a realidade social. Daí, uma nova mediação entre um projeto que é já a mediação de múltiplas contradições e suas possibilidades concretas de realização?

Aí pode também haver contradição entre o projeto contido no prenome e os acasos econômicos. Em *Atentado à memória dos mortos*, Schneidre (1987) nos conta a história dessa mocinha, batizada de Maxime, como inventora do primeiro fuzil automático, educada como um menino para herdar um império siderúrgico. Ela foi prometida por seu prenome para retomar a bandeira da dinastia familiar. A morte trágica de seus pais e o desaparecimento da herança levaram-na a decidir-se por outro caminho. Ela acha-se sozinha, confrontada com os fantasmas de seus ancestrais.

Às vezes, o projeto tem tal força que consegue reverter as dificuldades objetivas. Aquela pequena atriz russa, mãe solteira, emigrada para a Côte d'Azur entre as duas guerras, sacrificou tudo em nome do seu projeto meio maluco. Ela queria parir em solo francês para que seu filho pudesse tornar-se um dia embaixador da França e grande escritor. Romain Gary declarou numa entrevista radiofônica: "*Com um nome como o meu, meu caminho estava todo traçado: — este seria o romance*". Ele correu sua vida inteira atrás da realização do sufocante projeto materno. Ele conta em *La promesse de l'aube* (1960) que o pequeno Roman Kacew escreveu páginas e mais páginas antes de achar um pseudônimo digno de tornar-se

o nome de um grande escritor francês. Esse nome Gary, que quer dizer “queima” em russo, é também o prenome de um famoso ator americano. E é sob o nome de Ajar (“brasa” em russo) que ele escreverá toda uma parte de sua obra, quiçá a mais original e a mais tocante. O pequeno meteco teria podido tornar-se boxeador ou malandro. Ele foi Companheiro da Libertação, Grande Cruz da Legião de Honra e Cônsul Geral da França em Los Angeles. Ganhou duas vezes o Prêmio Goncourt. Teria ele fugido a seu destino ao escrever sob o pseudônimo de Emile Ajar? Fugia ainda quando se suicidou? Será que ele não procurava escapar a esse projeto materno ao qual, todavia, ele se referia sem cessar?

A Identificação

Quando o tal projeto contido no prenome contém o destino que é imaginado para nós, esse projeto não tem o poder mágico que se procura às vezes atribuir a ele. Seu valor é apenas simbólico: o valor que cada um de nós quer lhe destinar. Qualquer que seja o tal projeto, sua força e sua coerência, ainda assim precisa que a criança assuma por sua própria conta as estratégias familiares, e ainda: que se identifique ao desejo parental. Cada qual deve posicionar-se com relação a esses projetos e projeções que o constituíram. Esse processo pessoal de construção de sua identidade não é evidente para ninguém. Ela o é menos quanto mais totalitário for o projeto, quanto mais fantasmático for o desejo. Esse processo de desinteresse será ainda mais doloroso se o romance familiar que cada um constrói para si repousa sobre um não-dito, sobre um segredo das origens.

Ludwig van Beethoven portava o prenome de seu avô materno, igualmente músico. Ele dizia ter nascido em 1722. Sua certidão de batismo, datado de 1770, será o de um irmão mais velho, morto de parto e batizado com o mesmo prenome. Sua certidão, segundo ele, teria desaparecido, porque ele seria filho natural de um príncipe, talvez mesmo do rei da Prússia. Qualquer que seja a parte de fantasia desse romance familiar, ele é atestado pela rejeição de seu pai, ébrio e músico medíocre, e a tentativa do

compositor de reconstituir um casal mítico entre sua mãe e seu avô, com o qual ele se identificava. Uma carta de 1824 dá prova disso: “Creio que serei vítima de um ataque de apoplexia, como meu honesto avô, com o qual me pareço”. Podemos citar igualmente as lembranças de um amigo: “O pequeno Ludwig abraçou-se com a mais viva ternura a esse avô que era também seu padrinho e, embora ele o tenha perdido cedo, a influência precoce que recebeu dele permaneceu sempre viva nele” (MIJOLLA, 1981, p. 158).

Uma pessoa pode se apropriar de seu prenome identificando-se com aqueles que o portam. Pode também rejeitá-lo ou trocá-lo por ele não corresponder ao destino que desejaria dar-lhe. Assim, Joseph Moustaki decidiu um belo dia, durante uma turnê com Georges Brassens, adotar o prenome do cantor que admirava e o qual queria tornar-se. Pode-se fazer tal coisa a fim de libertar-se dela. Pode-se também trocá-la para identificar-se ainda mais com ela. A neta de Louis Pasteur, Pasteur Vallery Radot, foi uma ilustre médica, membro da Academia Francesa. Seu pai havia desposado a filha do grande mestre e dedicou toda sua vida à propagação de suas idéias. O primogênito dos filhos foi chamado Louis, em homenagem ao avô que o marcou profundamente. Com a Libertação, Louis Vallery-Radot, que se destacou na Resistência, obteve, por decreto do general De Gaulle, o direito de mudar seu prenome para Pasteur, dando, com isso, um belo acabamento ao projeto parental, com o qual estava perfeitamente identificado.

Geralmente, as pessoas se contentam em adotar seu(s) prenome(s) procurando achar uma mediação entre os projetos que receberam e os que elaboraram para si próprias. Bateson (1984) disse que toda a sua vida girou em torno de uma única questão: o que é a vida? Entretanto, poder-se-ia crer que sua trajetória científica havia decepcionado as esperanças de seu pai, biólogo, que o havia chamado Gregory em homenagem ao monge Mendel, e que desejava consagrar seu filho às ciências da vida. Depois de um primeiro artigo co-assinado com seu pai, Gregory

parece romper com o projeto paterno. Abandona a biologia após o encontro com a antropologia, a qual o leva à psiquiatria, depois à etologia. Ele próprio pensava ter rompido com o projeto paterno antes de se dar conta, no momento do balanço, que não fazia senão persegui-lo. Mas de outra maneira, adaptando-o a seu modo.

Um Exemplo de Mediação

Chantal Marie Roberte é a filha mais nova de uma família de agricultores da Ile de France. Seu primeiro prenome estava na moda por ocasião do seu nascimento. Os dois outros foram os de sua mãe e de seu pai. “É uma tradição familiar”. Sua irmã mais velha herdou seus prenomes de suas duas avós e seu caráter autoritário. O caçula recebeu os prenomes de seus avós.

Chantal recusa o projeto familiar e parental. Em oposição permanente a seus pais, dos quais se sente radicalmente diferente, vive uma contradição dilacerante entre seus prenomes e sua personalidade. Ela é a única a ter escapado à agricultura e encontrado um cargo de assistente social a 500 quilômetros do domicílio parental. “Mas, na Associação Social Agrícola”. Ela sempre se recusou a identificar-se com o menino que seus pais esperavam em seu lugar. Entretanto, ela dá-se conta, falando acerca desse assunto, do quanto ela puxa ao pai, o quanto ela pertence à linhagem dos homens, transmissores do nome. Ela vive há seis anos, em segredo, com um homem que porta o prenome de seu pai. Ela acaba de dar à luz um bebê que registrou com o nome de seu pai. Ela conseguiu escapar à profissão que ele lhe havia destinado, mesmo permanecendo no meio agrícola. Ela recusou a identificação com o filho que seus pais desejavam, mas transmitiu o nome do pai.

Encerraremos esta história que mostra bem a mediação que o sujeito opera entre a pressão que sofre do projeto familiar e parental e a necessidade de dar conta desses projetos para poder viver independentemente, para poder definir um projeto existencial, para poder enfrentar sua liberdade.

Essa tentativa de agenciamento ocorre na ambivalência entre permanecer objeto de um desejo que nos fez nascer e nos tornar o sujeito de nosso próprio desejo, entre realizar os projetos que nos constituíram e definir nosso próprio projeto. Essa tentativa de agenciamento dura a vida inteira. Ela tem por base também o nascimento de nossos filhos, no momento em que transitamos do estado de filho para o de pai, no momento em que podemos projetar sobre esse outro – que não é absolutamente nós, mas que nos é tão próximo –, essas esperanças insaciáveis, esses sonhos que nos subjugarão, sem termos jamais podidos assumi-los totalmente, sem jamais termos podido rejeitá-los totalmente.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Karl. La force determinante du nom. In: _____. *Rêve et Mythe*. Payot, 1965.
- ANCELIN SCHUTZENBERGER, Anne. *Aïe, mes aïeux! Liens transgénérationnels, syndrome d'anniversaire, secrets de famille et pratique du géosociogramme*. Paris: Epi/La Méridienne, 1993.
- BAHLOUL, Joëlle. Noms et prénoms juifs nord-africains. *Terrain*, n. 4, p. 62-69, mars. 1985.
- BATESON, Gregory. *Mind and Nature: a necessary unity*. New York: Dutton, 1979. Trad. Francesa: *La nature et la pensée*. Paris, Seuil, 1984.
- BESNARD, Philippe; DESPLANQUES, Guy. *Un prénom pour toujours: la cote des prénoms, hier, aujourd'hui et demain*. Paris: Balland, 1986.
- _____. *La cote des prénoms en 1994*. Paris: Balland, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. *Les enfants du revé*. Paris: Laffont, 1971.
- BOZON, Michel. Histoire et sociologie d'un bien symbolique, le prénom. *Population*, v. 1, p. 83-98, 1987.
- CLERGET, Joël. Mon nom, cet obscur objet du désir. *L'école des parents*, 10/91.

- CLERGET, Joël (Org.). **Le nom et la nomination. Source, sens et pouvoirs.** Toulouse: Erès, 1990.
- D'ANGLURE, Bernard Saladin. L'homme (angut), le fils (irniq) et la lumière (qau), ou le cercle du pouvoir masculin chez les Inuit de l'Arctique central. *Anthropologica*, v. 20, n. 1-2, p. 101-144, 1978.
- FINE, Agnès. Transmission des prénoms et parenté en Pays de Sault. In : DUPAQUIER; BIDEAU; DUCREUX. **Le prénom: mode et histoire.** Entretiens de Mahler, 1980. Paris: Ed. de l'E.H.E.S.S., 1984. p. 109-125.
- FREUD, Sigmund. **L'interprétation des rêves (1900).** Paris: PUF, 1976.
- GARY, Romain. **La promesse de l'aube.** Paris: Gallimard, 1960.
- GAULEJAC, Vincent de. L'héritage. *Connexions*, n. 41, 1983.
- _____. **La névrose de classe.** 2. éd. revue et augmenté. Paris: Hommes et Groupes, 1992.
- GELIS, Jacques. L'arbre et le fruit. La naissance dans l'occident moderne (XVI^e – XIX^e siècle). Paris: Fayard, 1984.
- GILMOR, Clyde. Lê baryton à la voix d'or. **Sélection du Reader's Digest**, Montréal, Août 1984.
- GRANET, Marcel. **La pensée chinoise, La Renaissance du livre.** 1934. p. 455 (reeditação da Albin Michel em 1986).
- LAVIER, Ross. L'art d'être bébé. *L'Actualité*, Montréal, p. 76, set. 1985.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques.** Paris: Plon, 1955.
- _____. **La pensée sauvage.** Paris: Plon, 1962.
- LEVY-BASSE, Roselyne; OFFROY, Jean-Gabriel. Ces inconnus qui nous ont précédés, *Informations sociales*, n. 4/1989.
- _____. Y a-t-il une histoire avant la vie ? **Le groupe familial**, n. 126, janvier 1990.
- MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie.** Paris: P.U.F., 1960.
- MICHELET, Claude. **Des grives aux loupes.** Paris: Robert Laffont, 1979. p. 25.
- MIJOLLA, Alain de. **Les visiteurs du moi.** Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- MILES, Davis; TROUPE, Quincy. **Miles: l'autobiographie.** Paris: Presses de la Renaissance, 1989.
- MIRBEAU, Octave. **Le Journal d'une femme de chambre [1900].** Paris: Gallimard, 1971.
- OFFROY, Jean-Gabriel. Dis, maman, avant de naître, j'étais où ? *L'école des parents*, n. 5, mai 1990.
- _____. **Le choix du prénom.** Marseille: Éditions Hommes et Perspectives, 1993.
- _____. Choisir un prénom, tracer un destin? *Le journal des psychologues*, n. 111, octobre 1993.
- _____. Le choix d'un prénom: d'un fantasme à une réalité. *Le journal des psychologues*, n. 125, mars 1995.
- PAGES, Max. Introduction à l'analyse dialectique. *Connexions*, janvier 1980.
- _____. Systèmes sociaux-mentaux. *Bull. de psychologie*, v. 34, n. 350, p. 589-601, avril 1981.
- _____. L'emprise. *Bull. de Psychologie*, v. 36, n. 360, mai 1983.
- _____. Pour une démarche dialectique dans les sciences humaines. *Bull. de Psychologie*, v. 39, n. 377, sept. 1986.
- PAGES, Max. L'analyse dialectique: propositions. *Psychologie clinique*, n. 3, 1990.
- PLANK, Robert. The use of 'Jr' in Relation to Psychiatric Treatment. *Names*, v. 19, n. 2, June 1971.
- RABAIN, Jacqueline. **L'enfant du lignage.** Paris: Payot, 1979.
- SANGOI, Jean-Claude. La transmission d'un bien symbolique: le prénom. Bas-Quercy 1750-1872. *Terrain*, n. 4, p. 70-76, mars 1985.
- SCHNEIDRE, Dominique. **Atentado à memória dos mortos.** Paris: Robert Laffont, 1987.

VERNIER, Bernard. La circulation des biens, de la main-d'œuvre et des prénoms à Karpathos. Du bon usage des parents et de la parente. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 31, p. 63-87, janvier 1980.

_____. **La genèse sociale des sentiments**. Aînés et cadets dans l'île grecque de Karpathos. Paris: Ed. de l'E.H.E.S.S., 1993.

WIESEL, Elie. Le refus de l'oubli. **L'Actualité**, Montreal, p. 11, set. 1985.